

A RELAÇÃO TEXTO-VIDA NA LEITURA LITERÁRIA: O CONFRONTO FICÇÃO-REALIDADE

Daliane do Nascimento dos Santos¹

Para isso que o escritor foi feito. Para mostrar a realidade sob um novo ângulo, para criticar o que se passa por toda parte e para não dar solução a coisa nenhuma e, sobretudo, para não dar conselhos. Cada um que encontre a sua verdade sozinho.

Ruth Rocha

O escritor de literatura possibilita uma experiência de vida ao leitor, que por meio do processo de identificação estética experimenta as diversas sensações que os personagens oferecem a partir das problemáticas vividas. Esse viver do leitor, na ficção, de forma imaginária, de certa forma provoca um confronto entre o real (as experiências de vida do leitor) e o ficcional (o mundo inventado do texto). O encontro entre ficção e realidade por meio da experiência estética e vicária vivida pelo leitor propicia um exercício de emancipação que:

[...] liberta o ser humano dos constrangimentos e da rotina cotidiana; estabelece uma distância entre ele e a realidade convertida em espetáculo; pode preceder a experiência, implicando então a incorporação de novas normas, fundamentais para atuação na e compreensão da vida prática; e, enfim é concomitantemente antecipação utópica, quando projeta vivências futuras, e reconhecimento retrospectivo, ao preservar o passado e permitir a redescoberta de acontecimentos enterrados (ZILBERMAN, 2009, p. 54).

A emancipação do leitor pela experiência estética se mostra na possibilidade de ele pensar sobre o passado, refletir e discutir o presente e projetar o futuro. O texto, apesar de possuir em sua narrativa início, meio e fim, oferece ao leitor a possibilidade de quebrar fronteiras, tornando-se um suporte infinito de ideias que permitem a construção de diversos sentidos e significados.

Pensando nisso, buscamos neste trabalho de dissertação em desenvolvimento, refletir sobre as respostas dos aprendizes quando provocados a estabelecer o confronto entre situações fictícias e situações reais por eles vivenciadas no mundo real. Diante das respostas, verificamos que a relação texto-vida permitiu aos aprendizes: pensar sobre o que é certo e errado e refletir sobre a vida, com vistas a mudanças.

Os aprendizes são 36 alunos do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Natal/RN-Brasil. A abordagem metodológica é de natureza qualitativa, assumindo protocolos da pesquisa exploratória e de intervenção. Para a constituição dos dados foram realizadas oito sessões de mediação com leitura de literatura, a partir de duas obras de Lygia Bojunga: A Bolsa Amarela (2005) e Tchou (2008). As sessões de leitura foram planejadas e implementadas conforme a experiência de leitura por andaime (GRAVES; GRAVES, 1995), que apresenta a sequência de pré-leitura, leitura e pós-leitura. Na atividade de pós-leitura foram realizadas atividades de discussão de histórias e registro em blog de leitura. Para análise de dados nos respaldamos nas teorizações de Zilberman (2009), Candido (2004), Rosenfeld (1976), Yunes (2003), Jouve (2002) e Piaget (1994). Neste trabalho, nos dedicamos a análise das postagens

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: dalianenascimento@yahoo.com.br.

dos sujeitos no blog de leitura realizadas mediante perguntas que provoquem a inter-relação texto-vida.

Pensando sobre o que é certo e errado

Neste primeiro tópico, selecionamos algumas postagens publicadas pelos aprendizes no blog “Nos Bosques da Ficção” a partir da leitura e discussão sobre o livro *A Bolsa Amarela*, de autoria de Lygia Bojunga (2005):

<i>Postagens no Blog nº 1</i>
<i>(Pergunta - Blog) O que você teria feito no lugar da Raquel quando o primo Alberto resolveu abrir a bolsa dela? Por quê?</i>
<i>(03) Helena</i> Eu pegava a bolsa e correria para algum lugar que ninguém mim achasse porque ninguém pode ficar olhando as coisas das pessoas curiosidade mata e o ditado
<i>(19) Pedro</i> eu teria batido nele teria levado ele pra rua dava tanto tanto nele e jogava ele na rua e os carros passassem por cima dele porque todos tem o direitos de guardar suas coisas par se mesmo e isso é muito injusto eu não aguentaria ter a vida que ela tem porque será que a família dela trata ela assim
<i>(Blog “Nos Bosques da Ficção” – Livro: A Bolsa Amarela, 10/11/14)</i>

Percebemos nas postagens dos aprendizes alusões a valores morais e éticos no confronto entre as noções do que seja certo e errado, entre o que é aceitável ou não nas ações narrativas realizadas pelos personagens. Ao usarem termos como “*injustiça*” e “*todos têm direito*”, os aprendizes revelam que o conflito vivido pelos personagens (invasão de privacidade) estimula-os a pensar sobre as ações humanas que envolvem a dimensão ética e moral.

Para Piaget (1994), as crianças constroem a noção de justiça “do certo e do errado”, do que é “aceitável ou não”, a partir das relações com os seus pares, como por exemplo, na participação de jogos de regras, nas atividades em grupo e na própria relação que têm com os adultos. Quando os aprendizes trazem em suas postagens a ideia de justiça que possuem, revelam como essa noção de justiça foi construída, trazendo em si um pouco da história de vida de cada um.

De acordo com Antônio Cândido (2004, p. 28), a literatura pode atuar como um “instrumento de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual”. Apesar de Helena e Pedro não abordarem em suas falas problemas sociais como menciona Cândido (2004), ao citar a miséria e a servidão, apontam a necessidade de pensar sobre o respeito ao outro, o modo como as crianças são tratadas e a relação familiar.

As atitudes que os aprendizes apresentam como forma de se livrarem de uma situação constrangedora, comparada com a situação vivenciada pela personagem Raquel, demonstram que eles se envolveram com a narrativa fictícia, tornando-se sensíveis ao conflito da personagem. Esse fato nos leva a concluir que a relação texto-vida, além de sensibilizar os aprendizes, torna-os reflexivos sobre as ações humanas. De acordo com Cândido (2004), humanização significa:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2004, p. 22).

Atitudes – como a de refletir, de estar disponível e se sensibilizar pelos problemas do outro – podem ser percebidas nas falas dos aprendizes, revelando que a literatura desenvolve leitores mais abertos aos seus semelhantes. Deste modo, o confronto ficção e realidade permite desenvolver no leitor uma consciência humanizadora e crítica porque os aprendizes, além de se sensibilizarem pelo outro, assumem um posicionamento crítico ao refletirem e até mesmo questionarem determinadas ações que ocorrem na ficção.

Refletindo sobre a vida com o objetivo de mudança

Na postagem a seguir, publicada a partir da 5ª sessão de leitura, em que foi lido o livro *A Bolsa Amarela* (BOJUNGA, 2005), observamos que o confronto ficção-realidade levou os aprendizes a refletirem sobre a vida com o objetivo de mudança. Vejamos:

<i>Postagens no Blog nº 2</i>
<p>(Pergunta-Blog) Imagine que você possui uma linha forte, linha de pesca, e pode costurar o pensamento de alguém. Qual pensamento você iria costurar e de quem?</p> <p>(11) Pedro maus pensamentos em gente que gosta de fazer o mal e isso não é legal porque o que gente mal faz não é legal matar roubar espancar esquartejar e até mesmo sequestrar se isso não é bom pra ninguém será que eles gostariam se isso acontecesse com eles eles não gostariam e isso não pode acontecer isso é crime como a briga de galo</p> <p>(28) Helena o pensamento que eu ia costura que eu saisse direto eu ia custura na minha mãe porque ela trabalha direto mais eu ia sentir porque eu gosto muito dela</p> <p>(Blog “Nos Bosques da Ficção” – Livro: <i>A Bolsa Amarela</i>, 12/11/14)</p>

Ao analisar as postagens dos aprendizes percebemos algumas diferenças de sentidos. Na primeira, o aprendiz se concentra em um problema vivido pelos personagens e estabelece relações com a sua experiência no mundo real, expressando, assim, um posicionamento sobre ações de pessoas que “pensam mal”. Em sua postagem, Pedro faz um levantamento de atitudes ruins que ocorrem na sociedade como: matar, roubar, espancar, esquartejar e sequestrar. Ao passo que ele elenca as atitudes que na sua visão não deveriam ocorrer e faz uma provocação a quem as pratica, ao mencionar “*eles gostariam se isso acontecesse com eles*”. A fala de Pedro mostra que a literatura possibilitou pensar sobre as pessoas que praticam ações ruins. No final de sua fala, Pedro compara essas ações com a briga de galo (elemento fictício) declarando que tanto a ação real e ficcional são crimes.

Helena, diferentemente de Pedro, elabora uma reflexão mais pessoal sobre o relacionamento com a sua mãe, ao expressar o desejo de que a mãe trabalhe menos para passar mais tempo com ela. Ao mesmo tempo em que apresenta seu desejo, se martiriza por desejá-lo, uma vez que sabe através da narrativa de ficção que costurar o pensamento gera um controle sobre o outro, algo que ela não gostaria que ocorresse com a mãe.

Os pensamentos de Helena e Pedro demonstram envolvimento com a narrativa de ficção. Isso é possível porque a ficção

[...] possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo de ser irreal de suas camadas profundas, graças aos quase-juízos que fingem referir-se a realidades sem realmente se referirem a seres reais; e graças ao modo de aparecer concreto e quase-sensível deste mundo imaginário nas camadas exteriores. (ROSENFELD, 1976, p. 46).

Os quase-juízos no texto literário se referem aos aspectos da vida real que são abordados no enredo, mas de forma ficcional. Isso permite ao leitor se identificar com a história narrada, pois o que é lido é similar ao que o leitor vive na vida real. Deste modo, é a partir desses quase-juízos, que fingem se referir à realidade, que torna os acontecimentos fictícios tão próximos aos da vida real, fazendo com que os aprendizes discutam o ficcional como uma situação vivida por eles no seu cotidiano, tratando-os com a mesma importância dos fatos reais. Neste sentido,

Quando o leitor deixa tocar e realizar de maneira, primeiro, desconstrutora, depois constitutiva, seu enlace com a linguagem, com o que está antes e depois dela como expressão e forma – sensações e percepções inominadas –, a leitura torna-se experiência de gratuidade do verbo e opera de modo contínuo e não consciente no fortalecimento da subjetividade e da ação crítica. (YUNES, 2003, p. 15).

A partir da experiência estética, os aprendizes aprimoram as suas experiências de vida e leitura, inclusive o pensamento crítico. Temos nesse momento, um leitor que ao lê vive experiências de vida, relaciona ficção e realidade, pensa sobre esses dois planos (ficção e realidade) e elabora um pensamento crítico a seu respeito, projetando alternativas de mudança.

(In)conclusões

Na capacidade de coautora dos aprendizes, verificamos que a relação texto-vida favoreceu o preenchimento dos vazios do texto, uma vez que os aprendizes recorreram as suas experiências de vida e de leitura para construir inferências a respeito dos personagens e do próprio enredo da história.

As inferências elaboradas além de se apresentarem criativas e coerentes com a obra, nos mostraram um aspecto significativo da vida dos aprendizes, o fato de eles estarem imersos no mundo adulto. Isto é, as inferências por eles elaboradas a partir de suas experiências de vida trazem nos seus discursos representações de situações que não pertencem ao universo infanto-juvenil, o que evidencia que eles não são preservados quanto a participarem de discussões, brigas e programas direcionados aos adultos. Verificamos que no trabalho de coautoria há um entrecruzar dos planos ficcional e real, em que os aprendizes leem a ficção partindo das suas experiências e deixam transparecer um pouco da sua história de vida e das relações sociais que estabelecem no seu grupo familiar e social.

Referências

BOJUNGA, Lygia. **Tchau**. 17. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2008. p. 19-39.

_____. **A Bolsa Amarela**. 33. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura**: e outros ensaios. São Paulo: Angelus Novus, 2004.

GRAVES, Michel F.; GRAVES, Bonnie. The scaffolded reading experience: a flexible framework for text. **Reading.**, v. 29, n. 1, p. 29-34, abr. 1995.

PIAGET, Jeani. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: CÂNDIDO, Antônio et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 09-49.

YUNES, Eliana. **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.